

A LITERATURA COMO PATRIMÔNIO A SER MEDIADO¹

LITERATURE AS PATRIMONY TO BE MEDIATED

Ebe Maria de Lima Siqueira²

Resumo: O artigo é derivado da participação em uma mesa com o título “Os desafios na formação do professor leitor-mediador” sobre a experiência da autora como professora mediadora há três décadas. O tema da formação de leitores, de modo geral, implica necessariamente pelo menos três aspectos fundamentais: o mediador, o texto e o ser humano a ser colocado em contato com o texto. Entendemos que não há como ser professor sem ser, necessariamente, um leitor. Resta discutir nessa oportunidade seu papel como mediador e afirmar que a função de mediar só encontra eco quando exercida com competência. No entanto, nenhuma competência se basta se não vier acompanhada de uma paixão.

Palavras-chave: formação do leitor, mediação de leitura, professor leitor.

Abstract: This article derives from a lecture delivered on a round- table entitled "Challenges in the formation of the reader-mediator" The theme of educating readers necessarily implies at least three fundamental aspects: the mediator, the text and the human being to be put in contact with the text. We understand that there is no way someone can teach reading without being a reader himself. It remains to be discussed the teacher's role as a mediator and assert that the function of mediating only resonates when exercised competently. However, no competence is sufficient if not accompanied by passion.

Keywords: reader training, reading mediation, teacher-reader.

O convite para participar de uma mesa com o título “Os desafios na formação do professor leitor-mediador” é uma excelente oportunidade que me é dada para falar da minha experiência como professora mediadora que já se estende, mais ou menos, por umas três décadas. Durante esse percurso, vivi experiências muito significativas e definidoras para a forma como entendo a leitura e o papel do professor na sua socialização por meio da parceria com o PROLER, que era, naquela ocasião de 1990, a face institucional da querida e grande teórica da leitura, nossa amiga Eliana Yunes, que parte de vocês, que hoje compõe essa plateia como alunos de Letras, ela viu crescer nas inúmeras viagens que tem feito à nossa cidade.

O tema da formação de leitores, de modo geral, implica necessariamente pelo menos três aspectos fundamentais: o mediador, o texto e o ser humano a ser colocado em contato com o texto. Nessa mesa, entretanto, a proposta é discutir a formação do “professor leitor-mediador”. Entendo que, por força da profissão, não há como ser professor sem ser, necessariamente, um leitor. Contudo, o que resta discutir nessa oportunidade é o seu papel como mediador e afirmar que a função de mediar só encontra eco quando exercida com competência. E ainda mais: que nenhuma competência se basta se não vier acompanhada de uma paixão, um entusiasmo.

¹ Texto apresentado no II Seminário de Educação Patrimonial: Memória e Diversidade dos Bens Culturais da Cidade de Goiás em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan –, em 10 de outubro de 2013, na cidade de Goiás, GO.

² Professora da Universidade Estadual de Goiás – UEG – ebelima@bol.com.br.

A mediação, antes de qualquer outra coisa, deve ser entendida como um ato de trocas afetivas, porque por afeto deve ser compreendida a capacidade de demonstrar amizade, ternura, dedicação, apego, inclinação e amor. Portanto, é fundamental que se demonstre afeto pelas crianças e adultos que estão sob a nossa responsabilidade como professores. Afeto ao objeto mediado e afeto por nós mesmos como pessoas capazes do deslocamento do eu para o outro em busca do si-mesmo, assim como teorizado por Paul Ricouer (1991), quando pensa numa sociedade do bem viver. Assim sendo, saber de que professor-leitor se fala é fundamental para nos situar nessa cadeia que implica o leitor, a leitura e o texto.

Hoje, nessa mesa, não estou me referindo, portanto, a um professor hipotético, idealizado por escritores, como leitor modelo, ou de um professor sonhado pelas famílias como um preceptor competente, mas de mim e de vocês que estão me ouvindo/lendo nessa manhã quente de outubro. Professor, professora da cidade e do campo, do centro histórico e dos bairros que compõem o entorno da cidade, dos distritos e dos assentamentos, das redes públicas e privadas do município que se chama cidade de Goiás.

Saber que compomos a geografia humana da cidade de Goiás, que somos moradores desse espaço geográfico faz de nós professores com uma identidade singular possível apenas a quem respira e transpira pelas ruas e logradouros desse Patrimônio Cultural da Humanidade, que também atende pelo nome de Vila Boa de Goiás. Nesse ponto já passamos a falar não só de formação de um professor leitor-mediador qualquer, mas de um professor-mediador específico, que tem como traço identitário morar e trabalhar numa cidade com uma história cultural de peso para a sua população permanente mas também importante para a população flutuante que vem a Vila Boa em busca da história do Brasil Colônia, do ciclo do ouro, e do ciclo da poesia de Cora Coralina, mais novo minério a reluzir nas bateias.

Saber que a cidade de Goiás é exemplo de uma arquitetura intitulada de “barroco estradeiro”, ou “vernacular”; que parte dessa cidade foi construída por mãos escravas, que chegaram nessas paragens não por vontade própria, mas pelo jugo de senhores feudais ou bandeirantes afoitos; que, no Brasil, existem apenas dezenove sítios ou conjuntos considerados Patrimônio Mundial; que daqui foram traçados os destinos políticos do Estado de Goiás; que aqui viveram inúmeros artistas que registraram com penas e pincéis a sua concepção de beleza inspirados no relevo, na arquitetura, no clima e nas gentes comuns e seus saberes e fazeres, tudo isso faz de mim e de vocês professores-mediadores únicos, independente da disciplina que ministramos. Porque a Educação Patrimonial é tema transversal e deve, portanto, perpassar todas as disciplinas e áreas do conhecimento. Assumir a missão de professor numa cidade que é um museu a céu aberto exige de cada um/uma de nós um espírito de historiador. É preciso ir

atrás de uma arqueologia dos saberes escondidos nos casarios, nas tradições, nos saberes populares, nos fazeres do povo e promover uma religação entre todas essas áreas, como nos aconselha Edgar Morin (2010), no livro em que ele se propõe discutir os desafios do século XXI: *A religação dos saberes*.

Saber cantar “Noites Goianas” ou “Rio Vermelho”, saber de cor um poema de Cora Coralina faz de nós não pessoas bairristas, que não sabem apreciar nada que não seja da sua região, mas alimenta um sentimento de pertença. Isso porque as modinhas, assim como as receitas culinárias, os causos, ou os versos de poesia não são propriedade de seus autores ou, muito menos, de grupos fechados. São, outrossim, bens culturais que devem pertencer a todos que deles se apropriarem para seu próprio deleite ou para socializá-los com a coletividade, porque tais manifestações nos revelam naquilo que somos de maneira singular e por isso mesmo nos universalizam, pois esse é um dos papéis da arte.

Nesse ponto, entramos na segunda esfera que está implicada no ato de mediar, que diz respeito ao texto a ser mediado. Poderia ter feito um recorte e falar para vocês sobre a mediação do texto literário de modo geral. Mas entendo que o objetivo maior dessa mesa, como de todas as demais ações desse seminário, transcende as questões da mediação do texto literário. Ele aponta para a noção mais ampla de texto abarcando a cidade e tudo o que nela respira e existe como texto a partir do qual podemos construir significados.

Evidentemente existem obras literárias que podem nos ajudar nessa pesquisa arqueológica capaz de desenhar para nós e nossos alunos um perfil de ser humano que viveu nessa cidade desde a sua fundação no século XVIII e vive nela até os nossos dias. E hoje quero enfatizar aqui a leitura da obra de Cora Coralina e vou lhes explicar o porquê de minha escolha.

Acabei de chamar a atenção para o fato de que a noção de texto, nessa conjuntura, se amplia. E se tomo a poesia de Cora Coralina como objeto de minha atenção, é porque nela vejo a materialização de uma cidade humana, que é essa dos cartões-postais, mas que também é outra, diversa, múltipla, plural.

Tomo a poesia de Cora porque nela a poeta nos dá a conhecer um povo em devir. O povo que falta, porque nunca está acabado, um povo menor no sentido deleuziano, que de tão pequeno extrapola o grandioso, de tão local ganha a universalidade. Na sua poesia a monumentalização de espaços humildes, como os becos e largos ou a referência ao mito de criação que afirma ter a cidade nascido de um prato de água ardente, no poema “Anhanguera”, tem o mesmo peso e importância. Na sua poesia a mulher da vida é colocada lado a lado com as senhoras mães de família, lavadeiras, cozinheiras pretas e brancas, velhas e novas, os homens são lembrados por suas profissões de padeiro, boiadeiro, lavrador, e não há destaque para os

doutores e magistrados. Os homens e mulheres se igualam pela força do trabalho, que é o que dignifica o ser humano mais que seus teres e haveres.

A poesia de Cora, nessa perspectiva, é texto literário, mas ao mesmo tempo se transforma na coisa mesma de que fala. Saltam das páginas uma cidade e o que nela importa: a sua gente feita de escuros, de falhas, de imperfeições, como tudo aquilo que está em construção. Ler um poema como “Velho sobrado” equivale a um percurso no tempo e no espaço. Somos levados a refletir sobre a ação do tempo que faz com que tudo se torne ruínas, inclusive os homens, que só passam a valer por aquilo que são capazes de lembrar, conforme foi posto por Norberto Bobbio: “Somos o que lembramos”. (1997, p. 30)

O poema em questão promove, em nós que o lemos, a sensação de busca do tempo perdido, tal como a *recherche* proustiana, que estimula no seu leitor uma memória olfativa. Ouçamos apenas um trecho do poema “Velho sobrado”, de Cora Coralina (2006, p. 87): “Antigas flores / de que ninguém mais fala! / Rosa cheirosa de Alexandria. / Sempre-viva. Cravinas. / Damas-entre-verdes. / Jasmim-do-cabo. Rosedá. / Um aroma esquecido / – manjerona. O passado... / O salão da frente recendendo a cravo”.

Ao longo de todo o poema a poeta nos faz uma pergunta incisiva: Quem se importa com a história que está por trás do velho sobrado que desmorona sob o olhar distante do transeunte: que “olha de longe, na dobra da esquina, as traves que despencam”? (Coralina, 2006, p. 88).

Ao lermos o poema, o que se evidencia não é apenas o anúncio de um prédio que desaba ao deus-dará, como inúmeros outros aqui e alhures. Mas o velho sobrado assume feições humanas: “Cortina vulgar de decência urbana / defende a nudez dolorosa das ruínas do sobrado / – um muro”. E segue a poeta numa criatividade pedagógica como se estivesse a ensinar aos técnicos do IPHAN e a todos nós uma lição de Educação Patrimonial:

Bem que podia ser conservado,
bem que devia ser retocado,
tão alto, tão nobre-senhorial.
O sobrado dos Vieiras
cai aos pedaços,
abandonado.
Parede hoje. Parede amanhã.
Caliça, telhas e pedras
se amontoando com estrondo.
Famílias alarmadas se mudando.
Assustados – passantes e vizinhos.
Aos poucos, a “fortaleza” desabando.
(Coralina, 2006, p. 85).

Mas,

Quem se lembra?

Quem se esquece?
(Coralina, 2006, p. 85).

Em que perdido tempo ficaram essas pessoas:

Padre Vicente José Vieira.
D. Irena Manso Serradourada.
D. Virgília Vieira
[...]

Benjamim Vieira,
Rodolfo Luz Vieira,
Ludugero,
Ângela,
Débora, Maria...

[...]
Rosa Godinho.
Luzia de Oliveira.
Leodegária de Jesus.
(Coralina, 2006, p. 85, 86, 87).

Quem está clamado por lembrança são as pessoas ou é o prédio?

[...]
Quem é que está ouvindo
o clamor, o adeus, o chamado? ...
Que importa a marca dos retratos na parede?
Que importam as salas destelhadas,
e o pudor das alcovas devassadas...
Que importa?
(Coralina, 2006, p. 89).

Sobrado e ser humano coadunam no poema numa mesma existência desamparada, esquecida e fraturada pelo tempo, expondo seus nervos e entranhas num mesmo monturo, por onde crescem: “São-caetano com seu verde planejamento, / pendurado de frutinhas ouro-rosa. / Uma bucha de cordoalha enfolhada, / berrante de flores amarelas / cingindo tudo” (Coralina, 2006, p. 84). Dando graça poética ao abandono, ao silêncio e à desordem. Quem se lembra de Leodegária de Jesus, primeira mulher a publicar livro no Estado de Goiás, em um momento tão inóspito a todas as mulheres no campo das letras no Brasil e no mundo? Quem sabe de cor um poema de *Coroa de Lyrios*, livro de 1906, ou de *Orchideas*, de 1928? Quem de vocês já ouviu o poema “Símile”? Aquele que nos diz que:

Quando vivemos a sonhar amores,
Quando não temos a ilusão perdida,
Quando noss'alma não padece dores,
Morrer é triste! Como é linda a vida!

Mas se nos fere o espinho da tristeza,

Se maltratados somos pela sorte,
Se nos é dado o cálice da incerteza,
Viver é triste! Como é doce a morte!
(Denófrio, 2001, p. 19).

Tudo isto, e muito mais, está no poema “Velho sobrado”, para quem souber ver/ler. O poema como texto reafirma o uso prosaico da linguagem, entretanto o que esperamos do texto poético é que ele perturbe os empregos ordinários da fala, não para desqualificá-la, mas, muito ao contrário, para lembrar que a linguagem, além de se prestar a comunicação ordinária, tem uma outra função difícil de se esboçar, entretanto, indispensável, fundamental, uma função que atua nas dobras do pensamento, e que se revela no acontecimento das coisas como conhecimento.

E qual é o modelo de mediador que está preparado para tomar o poema como uma forma de conhecimento, muito mais e além de uma simples forma de entretenimento fugaz?

O texto de Cora, ou a própria Cora como texto, espera encontrar no professor que reside na Cidade de Goiás, por nascimento ou opção, um mediador atento às esquinas do texto e seus contextos, às entrelinhas do verso e seus reversos. Por isso é que insistimos que Cora escreve sobre um povo que falta, um povo em devir no sentido, também deleuziano, que aponta para a ideia de algo em permanente construção. Por isso, podemos dizer que a poeta dos Goyazes, com sua escritura poética está em vias de construir outro modelo de leitor. Aquele que é capaz de colocar o texto a funcionar como engrenagem que faz o homem mover-se para adiante, para tempos que ainda virão. Cora prepara seu leitor para fugir das armadilhas de textos fáceis, que repetem preconceitos e fórmulas conservadoras. Ela oferece ao seu leitor a possibilidade de um devir humano. Para isso, escolhe para figurar nos seus poemas pessoas reais, marcadas pela dureza do trabalho, como nos poemas que escreveu para as lavadeiras do Rio Vermelho, ou quando escolhe cantar as pessoas abandonadas pela sociedade, como Maria Grampinho, personagem do poema “Coisas de Goiás: Maria” (Coralina, 2001, p. 39), ou as prostitutas que figuram no poema “Todas as vidas” (Coralina, 2006, p. 31) ou em “Mulher da vida” (Coralina, 2006, p. 201). Também oferece um devir vegetal, quando concebe especialmente os poemas “Poema do milho” (Coralina, 2006, p. 158) e “Oração do milho” (Coralina, 2006, p. 156). E oferece um devir mineral quando se transfigura em terra, em poemas como “A gleba me transfigura” (Coralina, 2001, p. 108). E ainda um devir animal, quando descreve a alma do boi em “Evém boiada” (Coralina, 2006, p. 130) e “Trem de gado” (Coralina, 2006, p. 136); além de um devir crianceiro, quando se ficcionaliza em Aninha, a menina feia da ponte da Lapa, que conversa com as formigas e inventa um universo paralelo por meio da fantasia

Até aqui situamos o texto de Cora na sua dimensão poética, mas também e, sobretudo, numa dimensão social, existencial, antropológica, histórica, pedagógica e tantas outras dimensões que seu investigador/leitor tiver competência para empreender na sua aventura como leitor, fruidor.

E quem é o leitor de Cora Coralina?

Diante dessa pergunta estamos lembrando que, para o papel do mediador ocorrer, é necessária a existência, de um lado, do texto literário – ou não – e, de outro lado, do leitor. Isso por entendermos que, principalmente se o leitor for uma criança – e também acontece com inúmeros adultos –, apropriar-se da literatura e do mundo que ela representa é um direito inalienável garantido no direito de fruir as artes e através delas as várias realidades que nos cercam. É o mediador que atuará no sentido de fazer essas duas esferas se conectar, para que o texto ou textos passem a existir e agir.

Pensando especialmente na poesia de Cora Coralina, pergunto-lhes: Para quem escreve a velha rapsoda? Quem é o leitor que poderá acessar a obra de Cora?

Segundo depoimentos da poeta e afirmações colhidas de seus versos, ela escreve para a gente moça, que deverá ajudá-la, sem atavismos, a passar a limpo os autos do passado, antes que o tempo passe tudo a raso. Mas como justificariamos o reendereço de tantos poemas que migram dos livros, supostamente escritos para adultos, para uma nova edição bem cuidada e enriquecida com a linguagem pictural colocando em diálogo ilustração e texto? Deixou de ser texto para adulto o famoso “Prato azul-pombinho”, poema que guarda as ruínas do gênero épico só porque agora figura em livros pensados para o público infantil e infantojuvenil? Nesse poema, de caráter épico, várias épocas se cruzam revelando ao leitor as muitas faces daquela que, ao mesmo tempo, se fez tema e é narratária de acontecimentos que vão sempre estar no entrelugar entre vida e ficção. Nesse poema se encontram, nas várias narrativas que se encaixam, a menina Aninha, a Cora moça, performaticamente transformada em princesa oriental, e a Cora adulta, feita escriba, que filtra os fatos e constrói com eles retábulos de sua própria via-sacra.

E assim como o poema “O prato azul-pombinho” (Coralina, 2006, p. 66), também o conto “Contas de dividir e trinta e seis bolos” (Coralina, 2002, p. 13) e o conto “As cocadas” (Coralina, 2002, p. 85) sofrem processo de reendereço. Isso faz com que se tornem leitura para a infância? Tomando apenas esses exemplos pode-se assegurar que Cora Coralina escreve literatura independente do público que possa vir acessar os seus textos. Nesse ponto, voltamos a destacar o papel do professor leitor-mediador, porque caberá a ele apresentar Cora aos seus alunos, independente da idade que tenham. Mas, para isso, o professor leitor-mediador precisa

conhecer o seu público, e criar nele a necessidade de ler Cora por tudo que ela representa como mulher que soube tão bem ler o seu contexto histórico-social e recriá-lo por meio da memória. Como já apontei, a cidade, seus becos e sobrados, seus costumes e tradições, sua gente humilde e a velha casa da poente, tudo isso é transformado em matéria de poesia na obra da velha escriba. Não há dúvida de que a poesia de Cora Coralina surge de um veio memorialístico e que, por ele, assistimos ao refundar de uma cidade e de um povo, um povo em permanente devir, conforme assinalei.

Fico aqui pensando e não arrisco a perguntar para as nossas professoras e professores que formam a nossa plateia qual o poema de Cora que guardam de cor – o que significa guardar no coração. Se não de Cora, de Afonso Félix de Souza, Leo Lince, de José Décio, A. G. Ramos Jubé, ou de Divino Damaceno, para ficar apenas em alguns dos que viveram ou vivem em Vila Boa. Porque só um professor que tem um poema guardado no coração pode despertar no seu aluno o desejo de possuir tal poder e liberdade.

Das minhas memórias de aluna do Grupo Escolar Dom Abel não me lembro de nenhum trabalho feito com a poesia, não fui apresentada à poesia de Cora Coralina nesse período da minha formação, tampouco quando cursei o ensino médio no Colégio Alcides Jubé, e nem no ano inicial de minha graduação no curso de Letras em uma faculdade que, naquela época, levava o nome da poeta: Faculdade de Filosofia Cora Coralina. Meu encontro com a poesia de Cora se deu por meio das oficinas do PROLER, depois de mais de dezoito anos de escolaridade oficial e com 25 anos de vida. E, depois, foi no mestrado e no doutorado com a professora Goiandira Ortiz e com o professor Jamesson Buarque que descobri a poesia de Cora e sua importância como bem cultural para nossa cidade. Olho e vejo como demorou a acontecer o nosso encontro. Nessas três últimas décadas, muitas coisas se transformaram no cenário mundial, sobretudo no campo dos avanços tecnológicos, mas, infelizmente, algumas coisas permanecem exatamente iguais ao tempo em que eu cursava o Colégio Alcides Jubé, com uma saia caqui abaixo do joelho e uma blusa branca de algodão. Evidentemente, não é o uniforme que permanece igual. O que permanece igual ainda é, na maioria dos casos, a falta de conhecimento dos professores que não se dão conta do que significa ser um professor leitor-mediador e, no caso específico de Cora Coralina e sua obra, o desconhecimento do papel de sua poesia como “acontecimento das coisas”. Porque sua obra, de modo geral, pode ser entendida como um texto plural e polifônico que, lembrando Antonio Candido (1972, p. 805), “não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. Trata-se de texto aberto, que permite ler a cidade e sua gente, a história oficial e o seu avesso. Permite acessar a geografia humana e os conflitos

existenciais provocados pelo envelhecimento e pela condição de ser mulher em uma sociedade conservadora, entre tantos outros temas que não se excluem da condição de revelar o atrito, de afirmar que viver é mesmo muito perigoso.

Quando os professores dessa cidade se derem conta de que ser leitor-mediador deve ser algo encarado como uma missão – aquilo que nos move como imperativo, segundo afirma Ortega y Gasset (2006) em texto clássico sobre a função do bibliotecário –, algumas de suas posturas poderão sofrer transformações não só no que se entende por educação patrimonial, mas, sobretudo, como educação literária. Vale dizer, educação como formação no sentido amplo, porque contempla a ideia de formação humana. Tomar a cidade como texto a ser lido e, de preferência, fazer sua leitura pelo viés da literatura é a estratégia mais eficiente para garantir a socialização dos bens culturais através de um sentimento de preservação e de amor por tudo que nos revela e nos garante identidade individual e coletiva.

Todorov (2009), em seu livro *A literatura em perigo*, questiona a validade do estudo da literatura nos dias atuais, e conclui que a literatura se vê colocada em perigo em função dos usos que se faz dela na escola. Partindo dessa perspectiva, Eliana Yunes (2012, p. 89) nos assevera que quem está em perigo ou risco não é a literatura, mas o “leitor-mediador, em cujo traço/abraço se delinham os possíveis leitores de gerações futuras”. O que pretendemos com a defesa da literatura nesse Seminário de Educação Patrimonial é dizer que acreditamos que a literatura, de modo geral, e a leitura da obra de Cora, de forma especial, podem ajudar a quebrar, por exemplo, o preconceito dos que acreditam que o centro histórico, e tudo que nele e em torno dele gravita, é propriedade de uns poucos. E esse entendimento é condição *sine qua non* para que haja a compreensão do que significa o título de Patrimônio Cultural da Humanidade e a sua permanência como fator que nos distingue e nos universaliza.

Depois de chamar para o centro das discussões os/as professores/as de Vila Boa e de apresentar a obra de Cora Coralina como texto plural e polifônico, cabe ressaltar que a capacidade de aproximar dois polos aparentemente separados, na ação de mediar, é tarefa de qualquer um que coloque em contato os potenciais leitores e os diversos portadores de textos, incluindo aí, como lembramos, uma cidade inteira. O papel de mediar uma literatura testemunha de um tempo e de um espaço e de tomá-la como bem cultural cujo preço é de ouro é tarefa apenas de educadores sensíveis. De sua ação como mediadores dependerá o futuro dos nossos alunos como leitores não só da poesia de Cora, mas de tudo que nela pode se converter em patrimônio cultural de um povo. Esse povo somos nós, que aqui vive e passa a se apropriar desse Patrimônio Cultural da Humanidade, Vila Boa de Goiás.

Referências

- BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória*. Trad. de Daniela Versiane. Rio de Janeiro: Campos, 1997.
- CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. Conferência pronunciada na XXIV Reunião Anual da SBPC, São Paulo, jul. 1972.
- CORALINA, Cora. *O tesouro da casa velha*. 5. ed. São Paulo: Global, 2002.
- _____. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 23. ed. São Paulo: Global, 2006.
- _____. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 7. ed. São Paulo: Global, 2001.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Crítica e clínica*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. *Kafka: Para uma literatura menor*. Trad. de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- DENÓFRIO, Darcy França (Org.). *Leodegária de Jesus*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.
- DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz de (Org.). *Cora Coralina: celebração da volta*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.
- MORIN, Edgar. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Trad. de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Missão do bibliotecário*. Trad. de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2006.
- RICOUER, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Trad. de Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- YUNES, Eliana. A literatura está mesmo em perigo. In: LIMA, Aldo (Org.). *O direito à literatura*. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2012.